

FREITAS, M.V. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. 282p. ISBN 85-7041-268-1

Francisco Silva Noelli*

A prática da Arqueologia no Brasil já está alcançando um século e meio de duração. Podemos afirmar que já existe uma vasta quantidade de informações acumuladas para consolidar uma linha de pesquisa sobre a história da disciplina no contexto brasileiro. Junto com o estudo das práticas e das idéias, deve-se empreender pesquisas biográficas, uma vez que o esforço de inúmeros personagens contribuiu para que hoje exista uma comunidade científica organizada, um conjunto de leis que permitem a proteção do patrimônio arqueológico e uma crescente difusão de informações sobre as populações do passado, tanto ao nível da educação formal, como da mídia. Sugere-se a elaboração de biografias, no sentido dado por Eric Hobsbawn, como um “meio de esclarecer alguma questão mais abrangente, que vai muito além da estória particular”

Os arqueólogos brasileiros já dispõem de um excelente exemplo para seguir, fruto da laboriosa pesquisa de um professor de Literatura Brasileira e Portuguesa, cujo extenso trabalho teve por objetivo revelar os detalhes mais importantes da vida pessoal e profissional do naturalista norte-americano Charles Frederick Hartt, um dos pioneiros da Arqueologia no país. O ótimo livro de Marcus Vinicius de Freitas, docente da Universidade Federal de Minas Gerais, resultado de uma tese de doutorado defendida e aprovada no ano 2000, no Department of Portuguese and Brazilian Studies da Brown University.

Ao mostrar as etapas da vida de Hartt, através da análise da sua variada obra (cinco livros e cerca de 50 artigos), Freitas escreve com eloquência sobre os acertos e os dramas de uma trajetória profissional intensa, de um personagem que dedicou treze dos seus trinta e oito anos de vida ao Brasil. Além da biografia, Freitas narra com precisão e muitos detalhes relevantes como eram os cenários culturais, econômicos e sociais do Brasil e dos Estados Unidos onde se desenvolveu a vida de Hartt.

Dentre as várias ocupações e interesses de um naturalista do século 19, tratadas no livro com muita atenção e com uma rigorosa perspectiva crítica, interessam aos arqueólogos as descobertas e interpretações de Charles Hartt. Além da Arqueologia, também foram importantes as pesquisas sobre a Etnologia Indígena. Segundo Freitas, o principal momento de dedicação aos dois temas foi durante a Expedição Morgan ao baixo Amazonas, entre 1870 e 1874, quando foram localizados vários sítios arqueológicos, formadas várias coleções de materiais arqueológicos e reunidos inúmeros artefatos de grupos indígenas que foram contatados, além do registro de extenso material lingüístico e mitológico. Dentre as descobertas mais significativas, pode-se destacar o famoso sambaqui fluvial da Taperinha que, mais de um século depois, foi pesquisado por Anna Roosevelt e revelou a cerâmica mais antiga do hemisfério ocidental. Roosevelt chamou a atenção para outra contribuição importante de Hartt em nível teórico, que também permaneceu na berlinda por muito tempo, até ser resgatada recentemente, a hipótese sobre a magnitude e a complexidade histórica da ocupação humana da Amazônia, pensada como um paraíso para o assentamento humano, ao contrário do viés pejorativo sugerido pela teoria do determinismo ambiental que dominou a Arqueologia Brasileira até pouco tempo. Também poderíamos citar as acertadas interpretações sobre os contextos paleoambientais onde estavam inseridos os sítios arqueológicos, posteriormente confirmadas por pesquisas geológicas.

Além de bem escrito, o livro é ilustrado a cores com uma amostra de várias pranchas desenhadas por Hartt, incluindo algumas sobre vasilhas e fragmentos cerâmicos. Portanto, o trabalho de Marcus Freitas deve ser considerado como obra de referência obrigatória para os estudos sobre a história da Arqueologia Brasileira.

(*) Universidade Estadual de Maringá, PR.

Recebido para publicação em 30 de março de 2003.